

Emprego no agro está mais formal, enxuto e qualificado

Cenários Segundo estudo da FGV Agro, avanço da tecnologia e queda da informalidade explicam perda de quase 560 mil postos entre 2016 e 2023

Mercado de trabalho do agro está menor e mais qualificado

Nayara Figueiredo
De São Paulo

Menor e mais qualificado. Esse é o retrato do mercado de trabalho do agronegócio brasileiro, que registrou uma queda na população ocupada entre 2016 e 2023, à medida que a tecnologia avançou e a informalidade caiu, mostra o novo levantamento do Centro de Estudos do Agronegócio da Fundação Getúlio Vargas (FGV Agro) obtido pelo **Valor**. O estudo, que considera dados da agropecuária (dentro da porteira) e da agroindústria, também indica que a remuneração dos trabalhadores do setor evoluiu em escala mais rápida do que nos demais setores da economia como um todo, embora os salários ainda estejam abaixo da média nacional.

Entre o segundo trimestre de 2016, quando começou a série histórica da FGV, e o mesmo período de 2023, o agro perdeu 558 mil postos de trabalho. Isso significa um recuo de 3,9%, para 13,78 milhões de pessoas. A agropecuária foi a grande responsável por essa redução, com queda de 9,6% no intervalo avaliado, pressionada tanto pela agricultura (-9,7%) quanto pela pecuária (-9,5%).

"Mas quando olhamos o mercado de trabalho, não podemos ver apenas o número de postos. Percebemos que o que fez o número total de ocupações diminuir foi a queda nos empregos informais por uma questão estrutural do setor", afirma Roberta Possamai, pesquisadora do FGV Agro.

Segundo ela, a incorporação de tecnologias cresceu no campo nos últimos anos, assim como a mecanização da colheita em algumas culturas, o que passou a demandar uma mão de obra mais qualificada. O mesmo movimento impulsionou o aumento de vagas formais, em detrimento dos informais, e melhores níveis de remuneração.

No segundo trimestre de 2023, o agro atingiu o maior número de pessoas ocupadas em vagas formais (5,7 milhões) e a maior

taxa de formalidade (41,5%) para um segundo trimestre, considerando a série histórica da FGV.

Como comparação, o estudo mostra que no mercado de trabalho brasileiro como um todo, houve aumento das ocupações ao longo do período de 2016-2023 (+9,1%). Mas essa alta foi puxada, sobretudo, pelos informais, que registraram um crescimento de 12,4%. Os empregos formais cresceram também no Brasil, mas em uma proporção menor (+6,7%).

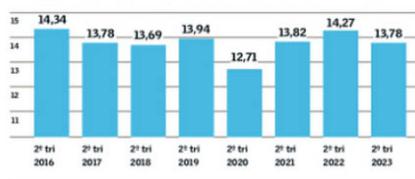
Olhando para dentro da porteira, a pesquisadora observa que na agricultura os empregos formais cresceram 17,6%, ao passo que os informais caíram 16,2% — puxando para cima o índice de formalidade do setor. Na pecuária, o cenário foi um pouco diferente, tanto as vagas formais (-4,1%) quanto as informais (-11,1%) diminuíram.

Na agroindústria, um outro ângulo do mercado de trabalho aparece: aumentaram os postos formais (+5,47%) e os informais (+8,53%) entre o segundo trimestre de 2016 e o mesmo período de 2023. Entre abril e junho deste ano, os informais eram 1,78 milhão de pessoas nesse segmento do agro, e os funcionários com carteira assinada chegaram a 3,66 milhões.

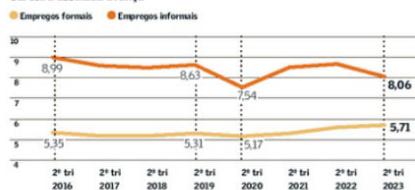
"Condições da agroindústria, em geral, são melhores do que na indústria como um todo"

Roberta Possamai

Menos postos, mais qualificação no agro
Evolução da população ocupada no 2º trimestre* (Milhões de pessoas)



Carteira assinada avança



Fonte: FGV. *Agropecuária e agroindústria

Possamai observa que a agroindústria foi mais exposta a efeitos externos, como a pandemia da Covid-19 e a guerra na Ucrânia, que prejudicaram toda a indústria brasileira. Isso também contribuiu para o crescimento da informalidade.

"As condições da agroindústria, em geral, são melhores do que na indústria nacional como um todo. Mas seu desempenho é bem mais dependente do andamento da economia do país, do que na agropecuária, por exemplo, que é puxada mais pelas boas safras", afirma.

Ainda de acordo com o estudo, a dinâmica de maior formalização no agro também impulsionou a remuneração média do setor, que cresceu a passos mais rápidos do que a média nacional.

Entre o segundo trimestre de 2016 e o mesmo de 2023, a remuneração média paga aos trabalhadores do agro cresceu, em termos reais, 12,6%, passando de R\$ 1.793,69 para R\$ 2.018,99. No

mesmo período, a remuneração média brasileira cresceu em um ritmo muito menor (4,3%), ao sair de R\$ 2.719,44 para R\$ 2.836,40.

Esse resultado foi puxado totalmente pela agropecuária, na qual empregados da agricultura (+25,9%) e da pecuária (+22,3%) contabilizaram salários maiores no período avaliado. A agroindústria não registrou aumento, pressionada pelo segmento de produtos alimentícios e bebidas, em que a remuneração caiu 6,9%.

Segundo números do Observatório da Produtividade Regis Bonelli, do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV Ibre), a agropecuária é o único setor da economia brasileira a ter ganhos expressivos de eficiência nas últimas décadas. Entre 1995 e 2022, a produtividade por hora trabalhada do segmento cresceu a uma média de 5,5% ao ano. No mesmo período, houve queda de 0,4% ao ano na indústria e alta de 0,2% nos serviços.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Agronegócio **Caderno:** B **Página:** 10